

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

3 de Outubro de 2020

GÉMEOS E DUPLOS

BRATS / 1930

Um filme de James Parrott

Argumento: Hal Roach, Stan Laurel, Leo McCarey; diálogos de H.M. Walker; intertítulos de Nat Hoffberg / *Imagem (35 mm, preto & branco):* George Stevens / *Efeitos visuais:* Roy Seawright / *Cenários e figurinos:* não identificados / *Música:* Marvin Hatler (versão de 1930), Lerby Shield (versão de 1937) / *Montagem:* Richard C. Currier / *Som:* Elmer Raguse / *Interpretação:* Stan Laurel (*Stan pai e Stan filho*) e Oliver Hardy (*Ollie pai e Ollie filho*).

Produção: Hal Roach para Hal Roach Studios (Los Angeles); distribuição pela Metro Goldwyn-Mayer / *Cópia:* da Lobster Films (Paris), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 21 minutos / *Estreia mundial:* Estados Unidos, 22 de Março de 1930 / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

TWICE TWO / 1933

Um filme de James Parrott

Argumento: Stan Laurel / *Imagem (35 mm, preto & branco)* / Art Lloyd / *Cenários e figurinos:* não identificados / *Música:* Marvin Harley, Leroy Shield / *Montagem:* Bert Jordan / *Som:* James Greene / *Interpretação:* Stan Laurel, dobrado por Carol Davis no papel feminino (*Stan Laurel e Miss Sandy Hardy*), Olivier Hardy, dobrado por May Wallace no papel feminino (*Ollie Hardy e Miss Fanny Laurel*).

Produção: Hal Roach para Hal Roach Studios (Los Angeles); distribuição pela Metro Goldwyn-Mayer / *Cópia:* da Lobster Films (Paris), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 20 minutos / *Estreia mundial:* Estados Unidos, Fevereiro de 1933 / *Estreia em Portugal:* data não identificada / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

OUR RELATIONS / 1936

Um filme de Harry Lachman

Argumento: Richard Connell, Felix Adler, Charles Rogers e Jack Devine, sugerido por uma história ("The Money Box", 1903), de W.W. Jacobs / *Imagem (35 mm, preto & branco):* Rudolph Maté / *Efeitos visuais:* Roy Seawright / *Cenários:* Arthur I. Royce, William Stevens / *Figurinos:* não identificado / *Música:* LeRoy Shield / *Montagem:* Bert Jordan / *Som:* William Randall / *Interpretação:* Stan Laurel (*Stan Laurel/Alf Laurel*), Oliver Hardy (*Ollie Hardy/Bert Hardy*), Alan Hale (*Joe Grogan, o empregado de mesa*), Sidney Toler (*o capitão do S.S. Periwinkle*), Daphne Pollard (*Daphne Hardy*), Betty Healey (*Betty "Bubbles" Laurel*), James Finlayson (*Finn, o engenheiro-chefe*), Iris Adrian (*Alice*), Lona Andre (*Lily*), Ralf Harold (*o chefe dos gangsters*), Noel Madin (*o segundo gangster*).

Produção: Stan Laurel e Hal Roach para Hal Roach Studios (Los Angeles); distribuição pela Metro Goldwyn-Mayer / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 70 minutos / *Estreia mundial:* Londres, 15 de Setembro de 1936 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

*You can lead a horse to the water
but a pencil must be lead.
dos diálogos de Brats*

De todos os grandes nomes da fabulosa escola burlesca americana (que nasceu oficialmente em 1912, quando Mack Sennett fundou o seu estúdio, a Keystone, com as suas *bathing beauties* e os seus *cops* e onde Charles Chaplin se estrearia no cinema em 1914), Stan Laurel e Oliver Hardy foram os únicos a agir em dupla. Ao invés de verem um solitário e desajeitado herói às voltas com o mundo (Chaplin, Keaton, Lloyd,

Langdon) os espectadores viam-se diante de dois indivíduos incompetentes em tudo o que faziam, às voltas com eles mesmos, um julgando-se mais esperto que o outro, o que não ajudava a relação deles com o mundo. Como toda dupla, Laurel e Hardy tinham um físico complementar (se em Portugal foram rebatizados Bucha e Estica, no Brasil eram e são conhecidos simplesmente como O Gordo e o Magro) e uma capacidade equivalente de tudo deitar por terra. Vindos do cinema mudo, permaneceram fiéis às características de humor físico deste cinema e são sem dúvida, entre os grandes nomes do cinema burlesco, os mais afeitos a uma espécie de escatologia, pois ao destruírem o cenário onde se encontram, o que raramente deixa de acontecer, Laurel e Hardy gostam de se emporcalhar, de modo quase regressivo. É preciso assinalar a grande importância que teve no percurso da dupla o produtor e realizador Hal Roach, seguidor do enfoque cinematográfico de Mack Sennett, de quem Laurel and Hardy tornaram-se as principais vedetas pouco depois de serem postos juntos por ele, em 1921.

Um filme começa pelo seu título e o de **Brats** é especialmente bem escolhido. *Brat* é o termo que designa, explica-nos o dicionário, as “crianças chatas, mimadas ou mal-educadas”. Um personagem de cinema burlesco, que tudo anarquiza e perturba toda e qualquer ordem, é um *brat* por definição e aqui vemos os dois adultos-crianças que são Laurel e Hardy às voltas com duas verdadeiras crianças que fazem o papel de crianças chatas, num duelo entre dois pares de *brats*. Grande parte do humor do filme vem simplesmente do facto de vermos os dois célebres atores vestidos de crianças, com calças curtas e portando-se como crianças de comédia. Metade das risadas estão garantidas com a simples aparição dos protagonistas em versão reduzida. Os “efeitos especiais” não poderiam ser mais modestos e divertidos, pois aparentemente não há trucagens óticas, os efeitos limitam-se a cenários sobredimensionados entre os quais se movem os atores. Toda a concepção do filme é a de uma comédia burlesca, ou seja muda, pois não há verdadeiro fio narrativo, há uma *situação* (Bucha e Estica de amassecas) que suscita uma série de *gags* (e um *gag* é uma situação banal que se torna cômica e tem uma solução visual), como os que vemos durante as partidas de damas e de snooker. Por vezes, como é frequente no cinema burlesco, o humor chega às raias do circense, como na passagem em que o traseiro de Oliver Hardy está a arder. Mas Hal Roach (que talvez tenha sido o realizador do filme, tanto quanto aquele que o assinou) sabe integrar os *gags* na ténue linha narrativa e também se lembra de utilizar o som para efeitos cômicos. Depois do intrigante *gag* da cantiga de embalar, paródia feroz da *nursery* vitoriana, há uma surpresa *sonora* que deita tudo a perder, antes do extraordinário desenlace (“*Poderias entornar a água*”) que coroa o humor de todo o filme.

Realizado três anos depois e com argumento assinado exclusivamente por Stan Laurel, **Twice Two** é, de certa forma, uma variante sobre o tema de **Brats**, isto é, sobre o desdobramento de Bucha e Estica em dois outros personagens, representados por eles mesmos. Desta vez, em vez do papel dos seus filhos, eles fazem os das suas mulheres, numa perfeita simetria, pois Laurel é casado com a irmã de Ollie e vice versa. Assim como em **Brats** ver o par a envergar calças curtas já é um *gag*, vê-los ataviados de mulher cria metade do efeito cômico de **Twice Two**. No papel das mulheres, os dois atores foram dobrados e o resultado é que a versão feminina de Laurel é uma palerma esganiçada e a de Hardy uma matrona doméstica com pretensões à elegância (o seu modelo talvez tenha sido Margaret Dumont, a chamada *Marx sister*, ao passo que a versão feminina de Laurel tem algo de Olívia Palito, Olive Oyl no original). As duas são arqui-rivais, de modo a apimentar a situação e a transformar um jantar de festejo numa batalha. E são as mulheres as protagonistas do filme, o que retira do primeiro plano os personagens de Bucha e Estica, mas aumenta a importância dos atores Stan Laurel e

Oliver Hardy, que se reproduzem a si mesmos em tom de caricatura. Como em **Brats**, mais do que diante uma autêntica trama narrativa, estamos diante de uma situação cômica, que suscita uma série de *gags*, os mais divertidos dos quais se passam durante a preparação do jantar (o estóico “*telefona para a padaria e encomenda outro bolo*” é uma réplica absolutamente memorável), em que a incompetência e a rivalidade infantil das mulheres dá-nos a ver impagáveis aventuras de Bucha e Estica, desta vez disfarçados de mulheres, tão chatas quanto as crianças do outro filme. A cena final leva-nos ao pleno domínio anárquico do cinema burlesco e é um eco, perfeitamente simétrico, do primeiro *gag* com um bolo. Embora o *gag* final seja previsível, o seu efeito é fulminante, como o demonstra o ar resignado de Oliver Hardy, que desta vez se abstém de qualquer comentário.

Depois destas duas obras-primas de vinte minutos cada uma, **Our Relations**, que dura setenta, representa uma inegável queda de temperatura cinematográfica. Tudo o que é perfeitamente tenso nas duas curtas-metragens, cujo ritmo é impecável, se distende na longa-metragem. Todo o filme se baseia num quiproquó, logo, numa verdadeira trama narrativa, com os seus elementos encadeados e as suas viragens, e não numa *situação* potencialmente cômica, que se torna hilariante devido às soluções encontradas. Uma das fraquezas do filme é que os personagens e os seus gémeos/duplos não são muito bem diferenciados, o que além de criar confusão entre os demais personagens acaba por atenuar a atenção do espectador. Os duplos talvez se pareçam em demasia aos originais para que o filme surta efeito.

Antonio Rodrigues